

Linguística, letras e artes:

Limitações e limites

**Stela Maris da Silva
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2021

Linguística, letras e artes:

Limitações e limites

**Stela Maris da Silva
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Linguística, letras e artes: limitações e limites

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Maiara Ferreira
Revisão: Os autores
Organizadora: Stela Maris da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755	Linguística, letras e artes: limitações e limites / Organizadora Stela Maris da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5983-350-4 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.504212907 1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Silva, Stela Maris da (Organizadora). II. Título. CDD 410
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

“A ponte não é de concreto, não é de ferro

Não é de cimento

A ponte é até onde vai o meu pensamento

A ponte não é para ir nem pra(*sic*) voltar

A ponte é somente pra atravessar

Caminhar sobre as águas desse momento”

(Lenine – A Ponte – CD *O dia em que faremos contato*, 1997)

Este livro está organizado em torno do título “*Linguística, Letras e Artes: Limitações e Limites*”. Limitações e limites possíveis de serem ultrapassados pois, objetiva apontar pistas, dar fios, ou ainda estabelecer pontes para desatualizar o presente, fazer a crítica deste, e ao mesmo tempo atualiza-lo. Os textos apresentam teorias e práticas resultantes do trabalho de elaboração de pesquisadores que fazem de seus escritos, condições de possibilidade de testemunhar um certo presente. A atualização norteia a ideia central das pesquisas, pois são contribuições de múltiplos olhares para as artes, filosofia, as letras e literatura, e para determinadas práticas educativas. São textos com abordagens, olhares distintos, passando pela contemporaneidade da arte de Lygia Clark, com ênfase racionalista e o ultrapassar do limite do campo de trabalho ao da prática terapêutica, à concepção de arte em Platão com uma discussão sobre a concepção de arte, as relações da arte com a ética, a partir da análise de diálogos platônicos. Outros dois trabalhos, abordando aspectos históricos, tratam das residências artísticas desde a antiguidade grega até a modernidade, e sobre a análise musical tipificada, interpretativa e comparativa das *Brasilianas IV e V para piano* do compositor brasileiro Radamés Gnattali. Permeando as reflexões entre arte e filosofia o seguinte artigo apresenta relações da *parresía* cínica grega e a arte de Manet. Ultrapassando os limites com diferentes abordagens nas letras, o tema dicotômico identidade/alteridade presente no conto *Espelho meu*, é apresentado, bem como a reflexão sobre as concepções de algumas obras de gramática normativa, a descritiva e internalizada. Nessa linha de análise, outro estudo mostra o conceito de gramática na obra *Gramática da língua portuguesa* (1540) de João de Barros para investigar o vínculo do pensamento linguístico do autor. Com o objetivo de mapear a criação da teoria semiótica em suas variadas vertentes, o texto seguinte apresenta rastreamento dos teóricos que contribuíram na construção dessa teoria. As práticas e seus limites a serem ultrapassados, são apresentados nos trabalhos de pesquisa com estudantes. Através da prática produção textual, uma das pesquisas analisa a relação de alunos do ensino médio técnico com a escrita. Outro estudo objetiva a análise do conto argentino *El Chico Sucio* (2017) para o estudo das características dos gêneros novela negra e novela policial. Na sequência há um

projeto de leitura com alunos 9º ano do E.F. II, que analisa contos de mistério, explorando o exercício de levantar hipóteses. Considerando que a ultrapassagem de limites também se faz com a formação de professores, e com bons materiais didáticos, os dois últimos artigos tratam disso. Um busca responder à questão de como estão as práticas em relação ao ensino aprendizagem de leitura, na perspectiva discursiva em um curso de Letras; e o outro tem o objetivo de comparar a temática sobre “equação do 1º grau” apresentada em capítulos de livros didáticos do nível fundamental, com enfoque nas práticas sociais contribuindo para a evolução do ensino de matemática.

Boa leitura e atualizações!


Stela Maris da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A ARTE DE LYGIA CLARK

Wellington Cesário

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129071>

CAPÍTULO 2..... 10

A IDEIA DE ARTE EM PLATÃO


Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129072>

CAPÍTULO 3..... 29

DELINEAMENTO PARA POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE O DESLOCAMENTO NA GRÉCIA ANTIGA E NAS RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS


Carollina Rodrigues Ramos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129073>

CAPÍTULO 4..... 45

BRASILIANAS IV E V PARA PIANO DE RADAMÉS GNATTALI: UMA ANÁLISE MUSICAL TIPIFICADA, INTERPRETATIVA E COMPARATIVA

Felipe Aparecido de Mello

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129074>

CAPÍTULO 5..... 59

UMA POSSIBILIDADE DE RELAÇÃO ENTRE ÉTICA-ESTÉTICA: *PARRESÍA* CÍNICA, ARTE, UM “OUTRO OLHAR”


Stela Maris da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129075>

CAPÍTULO 6..... 73

IDENTIDADE E ALTERIDADE EM *ESPELHO MEU*

Wilson Ferreira Barbosa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129076>

CAPÍTULO 7..... 85

REFLEXÕES SOBRE AS GRAMÁTICAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA: NORMATIVA, DESCRITIVA E INTERNALIZADA

Jéssica Duarte de Souza


Camila de Araújo Beraldo Ludovice







 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129077>

CAPÍTULO 8..... 98

O CONCEITO DE GRAMÁTICA NA OBRA DE JOÃO DE BARROS (1540) À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Leonardo Ferreira Kaltner

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129078>

CAPÍTULO 9	107
RASTREANDO AS TEORIAS SEMIÓTICAS: UM PROJETO DE ESTRATÉGIAS TÉCNICO-PEDAGÓGICAS	
Darcilia Simões	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129079	
CAPÍTULO 10	132
A PRODUÇÃO TEXTUAL: EXPERIÊNCIAS DE CORREÇÃO E REVISÃO ORIENTADAS	
Neide Biodere	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290710	
CAPÍTULO 11	145
VIOLÊNCIA E HUMANIZAÇÃO EM <i>EL CHICO SUCIO</i> : UMA PROPOSTA PARA O ENSINO MÉDIO	
Murilo Roberto Sansana	
Rosangela Schardong	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290711	
CAPÍTULO 12	156
ELEMENTAR, MEU CARO LEITOR! UM TRABALHO COM LEITURA LITERÁRIA PARA DESENVOLVER HABILIDADES DE LEITURA E ESCRITA	
Patrícia Peres Ferreira Nicolini	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290712	
CAPÍTULO 13	170
A ABORDAGEM DA LEITURA NA REGÊNCIA DOS ESTAGIÁRIOS DO CURSO DE LETRAS: DIAGNÓSTICO E ANÁLISE	
Janete Abreu Holanda	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290713	
CAPÍTULO 14	184
AS CONTRIBUIÇÕES DO LETRAMENTO E DA SOCIOSEMIÓTICA PARA O LIVRO DIDÁTICO DE MATEMÁTICA: COMPARANDO EQUAÇÃO DO 1º GRAU EM TRÊS LIVROS DE MATEMÁTICA	
Carlos Wiennery da Rocha Moraes	
Marli Ramalho dos Santos Rocha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290714	
SOBRE A ORGANIZADORA	211
ÍNDICE REMISSIVO	212

REFLEXÕES SOBRE AS GRAMÁTICAS NO ENSINO- APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA: NORMATIVA, DESCRITIVA E INTERNALIZADA

Data de aceite: 21/07/2021

Data de submissão: 30/04/2021

Jéssica Duarte de Souza

UNIFRAN/Franca

<http://lattes.cnpq.br/5701649689442168>

Camila de Araújo Beraldo Ludovice

UNIFRAN/Franca

<http://lattes.cnpq.br/2484816022138902>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal apresentar concepções de algumas obras sobre a gramática normativa, a descritiva e a internalizada. A finalidade dessa descrição bibliográfica é refletir de que modo vem sendo apresentadas as diversas orientações e abordagens de ensino. Esse levantamento também foi feito para que se pudesse avaliar melhor os autores e suas gramáticas pedagógicas. A pesquisa foi essencialmente bibliográfica e reflexiva, fundamentando-se em referenciais teóricos de quatro autores de referência nos estudos de nossa língua: Celso Ferreira da Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (2017), Mário Alberto Perini (2016) e Celso Pedro Luft (1995). Após as análises, verificamos que os docentes devem integrar no ensino de língua materna, tanto a gramática normativa, quanto a descritiva e a internalizada, para promover uma aprendizagem mais produtiva e possibilitar um trabalho contextualizado com a gramática nas escolas.

PALAVRAS - CHAVE: Ensino-aprendizagem, Gramática Normativa, Gramática Descritiva,

Gramática Internalizada

REFLECTIONS ON GRAMMARS IN
PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING-
LEARNING: NORMATIVE, DESCRIPTIVE
AND INTERNALIZED.

ABSTRACT: This article has as main objective to present conceptions of some works on normative, descriptive and internalized grammar. The purpose of this bibliographic description is to reflect on how the different teaching guidelines and approaches have been presented. This survey was also done so that the authors and their pedagogical grammars could be better evaluated. The research was essentially bibliographic, based on theoretical references from four reference authors in the studies of our language: Celso Ferreira da Cunha and Luís Filipe Lindley Cintra (2017), Mário Alberto Perini (2016) and Celso Pedro Luft (1995). After the analysis, we found that teachers must integrate both the normative, the descriptive and the internalized grammar in their mother tongue teaching, in order to promote more productive learning and enable contextualized work with grammar in schools.

KEYWORDS: Conception, Normative Grammar, Descriptive Grammar, Internalized Grammar.

INTRODUÇÃO

Observamos que o ensino de Língua Portuguesa, a partir dos anos 1980, vem sofrendo mudanças, mas a gramática normativa ainda é predominante nos métodos de ensino. As escolas continuam seguindo a metodologia

de exercícios baseados na repetição, tornando a gramática culta o falar e escrever bem. Em consequência disso, muitas vezes, o português é tachado de difícil e muitos dizem que é uma língua muito complicada de aprender. O ensino de gramática é alvo de várias discussões e existem diversas posturas em meio aos linguistas, em torno do ensino de língua padrão. O termo “gramática” é empregado em definições distintas. Por isso, fica clara a importância de os professores conhecerem essas concepções e terem um olhar crítico para ministrarem esse ensino, de modo competente e que permita refletir sobre os problemas da linguagem. É preciso acentuar que o estudo da gramática tradicional é essencial e deve ser ensinado, todavia não deve ser o único caminho para o ensino da língua materna. Diante dessa perspectiva, serão analisados os tipos de gramática: a normativa, a descritiva e a internalizada.

A GRAMÁTICA NORMATIVA EM CUNHA E CINTRA

Entre as gramáticas clássicas brasileiras atuais, a *Nova gramática do português contemporâneo*, publicada em 1985 e já na sua 7ª edição - 2ª impressão em 2017, de Celso Cunha & Lyndley Cintra, chama atenção, pois o autor destaca a necessidade que sentiu em escrever uma gramática em que o ensino de língua portuguesa atingisse todos os países em que se estuda o nosso idioma. Essa primeira compreensão é a que vem nos manuais de ensino e adotada pela maioria dos professores, sendo a mais conhecida pelos alunos. Porém, há de se convir que algumas gramáticas vêm se atualizando, se as compararmos às mais antigas. Para refletirmos, cabe avaliar as palavras de Leite (2007) sobre a gramática de Cunha e Cintra:

Uma obra fundamental no quadro dos instrumentos linguísticos do português, por sua proposta inovadora e ousada. Ousada porque é uma gramática tradicional que se adapta no âmbito da linguística contrastiva, ou que pelo menos busca encontrar um código contrastivo da lusofonia. Inovadora porque, pela primeira vez, encontram-se no espaço da gramática tradicional, em confronto, as normas brasileira, portuguesa e africana do idioma (LEITE, 2007, p. 8).

Nesse sentido, essa gramática visa destacar os aspectos e as diferenças que as variedades europeia e sul-americana do português têm em comum. Cunha e Cintra (2017) defendem a necessidade de uma gramática, em que as distintas normas em vigor do seu domínio geográfico “fossem de guia orientador de uma expressão oral e, sobretudo, escrita que, para o presente momento da evolução da língua, se pudesse considerar correta”. Os filólogos registraram no prefácio suas intenções e características que definem a obra:

- 1º É uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta;
- 2º Não descuidaram, porém, dos fatos da linguagem coloquial;
- 3º Foi dada uma atenção às diferenças no uso entre as modalidades nacionais e regionais do idioma, sobretudo às que se observam entre a variedade nacional

europeia e a americana;

4° No capítulo fonética e fonologia, estabeleceu-se, sempre que possível, a equivalência entre os conceitos e a terminologia tradicionais e os da fonética acústica;

5° No estudo das classes de palavras, examinou-se a palavra em sua forma e em sua função, de acordo com os princípios da morfossintaxe;

6° Procurou-se valorizar os meios expressivos do idioma, tornando o livro não apenas uma gramática, mas, de certa maneira, uma introdução à estilística do português contemporâneo;

7° Embora, a rigor, o estudo da versificação não faça parte de uma descrição gramatical, incluiu-se um capítulo final sobre as noções de versificação.

Os autores Cunha e Cintra (2017) abordam, de início, alguns conceitos gerais sobre: linguagem, língua, discurso, estilo e a distinção entre eles:

1. Linguagem é “um conjunto complexo de processos resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma língua qualquer”. Usa-se também o termo para designar todo sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre os indivíduos. Desde que se atribua valor convencional a determinado sinal, existe uma linguagem. À linguística interessa particularmente uma espécie de linguagem, ou seja, a linguagem falada ou articulada.

2. Língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade, a língua é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.

3. Discurso é a língua no ato, na execução individual. E, como cada indivíduo tem em si um ideal linguístico, procura ele extrair do sistema idiomático de que se serve as formas de enunciado que melhor lhe exprimam o gosto e o pensamento. Essa escolha entre os diversos meios de expressão que lhe oferece o rico repertório de possibilidades, que é a língua, denomina-se estilo.

4. A distinção entre linguagem, língua e discurso, indispensável do ponto de vista metodológico, não deixa de ser em parte artificial. Em verdade, as três denominações aplicam-se a aspectos diferentes, mas não opostos, do fenômeno extremamente complexo que é a comunicação humana (CUNHA; CINTRA, 2017, p.1-2).

Além das considerações apontadas, Slama evidencia que a língua não poderia funcionar sem a linguagem. “Por outro lado, a linguagem não pode existir, manifestar-se e desenvolver-se a não ser pelo aprendizado e pela utilização de uma língua qualquer” (SLAMA apud CUNHA, 2017, p. 2). A linguagem é composta de uma complexidade de procedimentos, de estruturas, de meios significativos — é a linguagem falada, realizada no discurso, isto é, no método de comunicação. A autora cita ainda que o discurso é um dos

pontos da linguagem mais significativos e, simultaneamente, a “forma concreta sob a qual se manifesta a língua” (SLAMA apud CUNHA, 2017, p. 2).

Cunha e Cintra (2017) explicam que a sociolinguística é uma parte da linguística que analisa a língua como acontecimento social e cultural. Esta ciência se faz atual num ambiente interdisciplinar, no alcance entre língua e sociedade, focando essencialmente os empregos linguísticos concretos, principalmente os de caráter heterogêneo. Em Cunha (2017, p. 3), consta que “é recente a concepção de língua como instrumento de comunicação social, maleável e diversificado em todos os seus aspectos, meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também diversificadas social, cultural e geograficamente”. O autor ainda afirma que “a língua está fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade que conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades diatópicas, diastráticas e diafásicas” (CUNHA, 2017, p. 4).

Sabemos que abordar os problemas de variação e norma do português é uma tarefa complexa, por isso, na obra, os autores apresentaram um conceito, para garantir a finalidade de uma gramática tradicional. Sobre essa questão, Cunha (2017) conclui que:

A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação. Numa língua existe, pois, ao lado da força centrífuga da inovação, a força centrípeta da conservação, que, contrarregando a primeira, garante a superior unidade de um idioma como o português, falado por povos que se distribuem pelos cinco continentes (CUNHA, 2017, p. 4).

Em relação às reflexões sobre a língua padrão, Cunha e Cintra (2017) destacam que a norma culta alcança um valor social maior que as outras variedades linguísticas e, na maioria das vezes o uso normativo tem um papel exemplar para a sociedade. Os autores obtiveram o conceito de norma padrão, consentindo para cada comunidade, “no caso a europeia, a brasileira e a africana, a depender de sua ideologia, a liberdade de escolha na operação com as suas variedades” (LEITE, 2006, p.34). Somado a isso, o autor afirma que em uma língua existe a força da inovação e da conservação que atua como ideal linguístico de um grupo, tendo um papel coercitivo acima de outras variantes (conservação). Além disso, surgem com frequência novas expressões de uma determinada modalidade linguística (inovação).

Posto isso, em seguida, a Gramática revela sobre a *Diversidade Geográfica da Língua: Dialeto e Falar*. Conforme Cunha (2017), “as formas características que uma língua assume regionalmente denominam-se dialetos. Alguns linguistas, porém, distinguem, entre as variedades diatópicas, o *FALAR DO DIALETO*” (CUNHA, 2017, p. 4). Na obra, é citado Manuel Alvar, que diz que *DIALETO* é “um sistema de sinais desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente, com uma concreta delimitação geográfica,

mas sem uma forte diferenciação diante dos outros da mesma origem” (ALVAR apud CUNHA, 2017, p. 4). O referido autor também chama de dialeto “as estruturas linguísticas, simultâneas de outra, que não alcançam a categoria de língua” (CUNHA, 2017, p. 4). Para o linguista, *FALAR* “seria a peculiaridade expressiva própria de uma região e que não apresenta o grau de coerência alcançado pelo dialeto” (CUNHA, 2017, p. 4). Do modo como o autor analisa, seria do aspecto diacrônico, “por ser um dialeto empobrecido, que, tendo abandonado a língua escrita, convive apenas com as manifestações orais” (CUNHA, 2017, p. 4).

Contudo, Cunha (2017) aborda sobre “o termo dialeto no sentido de variedade regional da língua, não importando o seu maior ou menor distanciamento com referência à língua padrão”. Assim, a obra reforça que uma gramática que avalia os acontecimentos da língua culta necessita basear-se num intenso “conceito de norma e de correção idiomática”. Diante disso, a Gramática menciona Adof Noreen (apud CUNHA, 2017), um linguista sueco, que cita três critérios principais de correção linguística:

Histórico-literário: critério tradicional de correção, fundado no exemplo dos clássicos e que conforma-se com o uso encontrado nos escritores de uma época passada.

Histórico-natural: Dentro desse ponto de vista não há nada de “correto” ou “incorreto” na língua; a linguagem é um organismo que se desenvolve muito melhor em estado de completa liberdade.

Racional: A fórmula expressa por Noreen: o “melhor”, o “correto” é o que se pode ser apreendido mais exata e rapidamente pela audiência presente e produzido mais facilmente por aquele que fala; ou no enunciado mais sintético de Flodstrom: “o melhor é a forma de falar que reúne a maior simplicidade possível com a necessária inteligibilidade” (NOREEN apud CUNHA, 2017, p. 5-6).

Com o intuito de esclarecer mais sobre o assunto, a obra faz referência ao linguista dinamarquês Otto Jespersen, que diz ser “evidente que tenha algo que justifique a correção, algo comum para quem fala e para quem ouve, e que lhes facilita a compreensão. Este elemento comum é a norma linguística que ambos aceitaram de fora, da comunidade, da sociedade, da nação” (JESPERN apud CUNHA, 2017, p. 6). Nesse documento, entende-se ainda que a nossa conduta social continua regulada por normas.

Cunha (2017) esclarece o “linguisticamente correto” como aquilo que é determinado pela sociedade linguística à qual o indivíduo pertence. Para o autor, “falar correto significa o falar que a comunidade espera, e erro em linguagem equivale a desvios desta norma, sem relação alguma com o valor interno das palavras ou formas” (CUNHA, 2017, p. 6). No entanto, o autor revela que “existe uma valorização da linguagem na qual seu valor se mede com referência a um ideal linguístico, o qual se observa como norma padrão” (CUNHA, 2017, p. 7).

O autor expõe o conceito de norma: “Este conceito linguístico de norma, que implica

um maior liberalismo gramatical, é o que, em nosso entender, convém adotarmos para a comunidade de fala portuguesa” (CUNHA, 2017, p. 8). É preciso abordar uma noção mais precisa de correção de todo idioma que os estudiosos contemporâneos vêem na tentativa de estabelecer procedimentos que permitam a descrição detalhada de suas variedades cultas, ora na forma falada, ora na escrita. Afirmam que sem averiguações, sem metodologias descritivas não conseguiremos definir o que, no “domínio da nossa língua ou de uma área dela, é de emprego obrigatório, o que é facultativo, o que é tolerável, o que é grosseiro, o que é inadmissível; ou, em termos radicais, o que é e o que não é correto”. (CUNHA, 2017, p. 8)

Cintra (2017, p. 23) expõe que “o português apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário”. O autor trata das variedades do português e apresenta que a língua portuguesa até hoje conseguiu preservar a coesão dentre as suas variedades por mais distantes que estejam no espaço. Na parte dos dialetos do português europeu, são explicados os três grupos: dialetos galegos, dialetos portugueses setentrionais, dialetos portugueses centro-meridionais. Posteriormente, encontramos os dialetos das ilhas atlânticas e os dialetos brasileiros. Na obra (CINTRA, 2017), o autor descreve que é possível diferenciar dois grupos de dialetos no Brasil, sendo eles do Norte e do Sul. No Norte, são destacados dois grupos: o amazônico e o nordestino. Já no Sul, são quatro os grupos: o baiano, fluminense, mineiro e o sulista, de acordo com Antenor Nascentes.

A GRAMÁTICA DESCRITIVA EM MÁRIO ALBERTO PERINI

O professor Mário Alberto Perini sempre refletiu sobre os problemas da linguagem e procurou fazer algumas considerações importantes sobre o ensino gramatical no Brasil. O estudo nos mostra uma preocupação em elaborar uma nova gramática, repensando no ensino do português. O autor destaca a seriedade de estudar a língua como ela é, compreendendo não só a estrutura da língua padrão, mas a descrição da língua coloquial, sua variação social e geográfica. O escritor afirma que “é definitivamente necessário começar a conceber a gramática como uma disciplina viva, em revisão e elaboração constante” (PERINI, 2016, p. 17). Sobre o ensino normativo, afirma que não é um incômodo em si, mas que, na maioria das vezes, é aplicado de modo que acaba prejudicando os alunos. Para explicitar melhor essa afirmação, refletimos:

A cada passo, o aluno que procura escrever encontra essa arma apontada contra sua cabeça: “Não é assim que se escreve (ou se fala)”, “Isso não é português” e assim por diante. (PERINI, 2016, p. 33).

Diante dessa realidade, Perini se dedicou, há muito tempo, a elaborar uma nova gramática. O autor tinha um desejo muito grande de levar à frente seu conhecimento, suas

experiências e seus estudos, por isso, buscou escrever uma gramática que fosse motivada por esse anseio. Ao esquematizar a obra, o professor teve a preocupação de não abordar a exposição dos fatos da língua e incluiu, em seus capítulos, algumas noções e justificativas em assuntos de seu maior interesse. Notamos que seu estudo aborda a gramática como uma disciplina científica e, por isso, ocasiona a necessidade de especificar observações e construir suposições. Perini diz que o “livro é, tanto quanto uma gramática do português falado, uma introdução ao estudo científico da língua” (PERINI, 2016, p. 24). Essa “Gramática” se destina, em um primeiro momento, aos estudantes e docentes de letras, como a professores de um modo geral. O autor prepara, primeiramente, os estudiosos na área, para só assim lançar um material dirigido aos alunos do ensino médio e fundamental.

A obra tem finalidades distintas das gramáticas tradicionais e, por isso, o professor faz uma explicação prévia. Pensar em estudar gramática como componente de sua formação científica, para muitas pessoas, pode parecer um pouco distante da sua realidade. Muitos continuam dizendo que o estudo da gramática é uma forma de aumentar sua performance na escrita, na língua padrão. É comum ouvirmos que os estudos gramaticais, na escola, são importantes para escrever bem, ler bem e falar corretamente. A obra destaca que, estudar a gramática pura, não amplia as capacidades de leitura, escrita ou fala, nem desenvolve seu aprendizado prático do português padrão escrito.

Assim, podemos entender com Perini que é essencial estudar a gramática como parte do desenvolvimento científico dos alunos. Para o autor, “o estudante deve sempre procurar saber por que se adota uma análise e não outra; esse é um ingrediente fundamental de sua formação intelectual, e não deve nunca ser desprezado” (PERINI, 2016, p. 44). Fica evidente que os discentes nem sempre sabem porque tal análise é feita e os professores somente copiam e reproduzem o que já vem nos livros didáticos. O autor então adverte que, nesse caso, seria válido os alunos consultarem a gramática e tirem suas dúvidas. A *Gramática descritiva do português brasileiro* deixa claro que ela é diferente das gramáticas habitualmente seguidas em nossos colégios. Na obra estudamos a gramática mais espontânea, abrangendo a comunicação linguística em toda sua totalidade, isto é, a língua falada no Brasil por volta de 200 milhões de pessoas.

Perini exemplifica que:

A língua que falamos, nós todos, operários, professores, mecânicos, médicos e manicures, é bastante diferente da língua que escrevemos (isto é, aqueles dentre nós que têm a formação necessária para a tarefa de escrever). Assim, na cantina dizemos me dá um quibe aí, mas na língua escrita isso seria dê-me um quibe. Note-se que se trata de duas formas de expressão igualmente adequadas, cada qual no seu contexto. Seria bastante estranho chegarmos na cantina e dizermos dê-me um quibe – o falante ia parecer pedante, até mesmo antipático (“quem esse cara tá pensando que é?”). Uns momentos de reflexão devem deixar bem claro que as duas variedades existem, vão continuar a existir e, principalmente, não podem ser trocadas: escreve-se uma tese em português padrão escrito, pede-se um quibe em português falado. A

esse português falado se dá em geral a designação de **português falado do Brasil**, ou **PB**. (PERINI, 2016, p. 31-32) [Grifos do autor]

Portanto, para Perini, as duas variedades convivem na língua e apresentam cada qual sua importância dentro das situações de uso. O apropriado seria as escolas ensinarem aos alunos a capacidade “de dominar a variedade culta e a variedade popular da língua, em condições de usar uma ou outra, conforme o ambiente social em que estiverem” (PERNAMBUCO, 2017, p. 45). Assim, a gramática de Perini se caracteriza como uma gramática descritiva do PB, referindo-se ao português do Brasil. O autor também faz uma explicação sobre a diferença do português padrão e o PB. O padrão é usado por uma parcela da população que teve a oportunidade de ser escolarizada, e também é frequente em situações formais; já o português falado é usado em nossos acontecimentos comuns que se sucedem todos os dias, na nossa fala cotidiana. Perini afirma a urgência em “elaborar gramáticas do PB para que não se eternize a anômala situação de um povo que não estuda na verdade, às vezes se recusa a estudar a língua que fala” (PERINI, 2016, p. 32-33).

Vale ressaltar que o autor não pretende que o português padrão não seja ensinado e destaca que os dois tipos de variedades fazem parte da nossa vida em sociedade. Somente aborda a necessidade de distinguir e detalhar a variedade falada, que é essencial para a prática e que foi até hoje muito pouco analisada. Nesse caso, “o objetivo deste livro é descritivo: ou seja, pretende descrever como é o PB, não prescrever formas certas e proibir formas erradas. Para nós, “certo” é aquilo que ocorre na língua” (PERINI, 2016, p. 35). Interessante dizer que o autor apresentou explicações detalhadas de alguns conceitos empregados em algumas análises, sendo eles: sintagma nominal, sujeito, função sintática, papel temático, classe de palavras. Além disso, esclareceu o motivo de se utilizar certos conceitos. A finalidade dessa gramática é conduzir “o leitor a um conhecimento consciente das estruturas da língua, não apenas à memorização de um conjunto de afirmações mais ou menos gratuitas” (PERINI, 2016, p. 37-38). O autor afirma que, muitas vezes, nas aulas de gramática, os alunos aprendem a decorar para fazer a prova e ganhar nota, e no outro dia, já não sabem mais o que foi a matéria aprendida, ou seja, aprendeu para obter um resultado. Perini (2016) comenta que a aula de gramática tradicional não admite dúvidas embaraçosas e garante que nas aulas de português os alunos não aprendem gramática. E ainda afirma que não é de se assustar que a maioria dos alunos não gosta da matéria de português, não gostam da gramática. O autor afirma, então, que a disciplina de gramática, atualmente, colabora para a analfabetização científica dos alunos.

Em sua obra, mostra-nos o quanto é essencial motivar nossos alunos. Relata que o professor tem esse poder de inspirar, abrir portas, janelas e levar os discentes a terem uma curiosidade científica. O autor declara que o jovem está sempre à procura daquilo que lhe interessa, “não daquilo que os mais velhos lhe dizem que “vai ser importante na vida”. E o jovem se interessa por aquilo de que participa; simplesmente receber informação geralmente não o motiva” (PERINI, 2016, p. 56). E, na maioria das vezes, nas aulas de

português, os estudantes aprendem só para aplicarem na prova. Geralmente, as pessoas só veem na gramática utilidade para passar em exames vestibulares, avaliações, mas não observam um bem prático, nem subsídios relevantes para sua alfabetização científica. O autor defende que é necessário trabalhar com gramática como uma ciência, seguindo, de início, os seguintes objetivos:

a) Abandonar de vez as falsas promessas, como a de que estudar gramática é o caminho para desenvolver o desempenho na língua escrita. Ou seja, reformular os objetivos do estudo de gramática, reposicionando-o e redimensionando-o de acordo com esses objetivos. Por exemplo, não faz sentido insistir no ensino de gramática a alunos que nem sequer têm domínio básico da língua padrão.

b) Assumir uma atitude científica frente ao fenômeno da linguagem. Isso significa admitir o questionamento, aceitar a necessidade de justificar as afirmações feitas e dar lugar à dúvida sistemática, e não à vontade de crer (que é a maior inimiga do espírito científico). Trabalhamos com fatos e teorias, e não com crenças e dogmas.

c) Procurar atividades que envolvam a observação e eventual manipulação de fatos da língua, com o objetivo de construir hipóteses a respeito deles. Aqui nosso modelo é o laboratório de outras disciplinas – por exemplo, o aluno de física não apenas é informado de que os corpos se dilatam com o calor, mas é encorajado a verificar isso por si mesmo, esquentando uma bola de metal e passando-a por um anel.

d) Abandonar a ideia de que é possível realizar o estudo completo de uma língua, de que a gramática portuguesa é um sistema plenamente conhecido, e de que sua descrição está pronta e relatada na literatura do assunto. Dar e enfatizar a notícia (boa para alguns, má para outros, mas verdadeira) de que a gramática portuguesa não está pronta. Uma boa maneira de se convencer disso é ensinar português a estrangeiros (como eu fiz durante alguns anos). Quando se ensina gramática a brasileiros, a aprendizagem é questão de somenos; se eles não aprenderem, não vai fazer grande diferença. Mas quando um estudante estrangeiro pergunta quando é que se usa *fiz* e quando é que se usa *fazia*, você precisa ter uma resposta.

e) Apresentar a ideia, revolucionária para alguns, de que fazer gramática é estudar os fatos da língua, e não construir um código de proibições para dirigir o comportamento linguístico das pessoas. Esta tarefa é, de longe, a mais difícil de implementar – muitas pessoas parecem resistir a isso com obstinação fanática. Mas é a mais importante, e se não for vencida as outras vão cair no vazio (PERINI, 2016, p. 57-58).

Perini aborda os estudos gramaticais de modo científico, analisando e relatando, sem cometer críticas de valor. Para o professor, existem modos de levar os tópicos sugeridos a darem certo. Enfim, com o intuito de gerar uma reflexão no leitor, Perini (2016) escreve uma obra em que o leitor irá se identificar, pois é uma gramática da língua que falamos no cotidiano e que a maioria do povo domina. Podemos encontrá-la no nosso grupo de amigos, nas novelas, no teatro, em nosso meio familiar. Enfim, a linguagem coloquial é, sem dúvidas, de acordo com o autor, a variedade mais importante da língua.

A GRAMÁTICA INTERNALIZADA POR CELSO PEDRO LUFT

Celso Pedro Luft foi um professor, gramático, filólogo, linguista e dicionarista brasileiro e uma referência para os estudiosos da Gramática, da Língua Portuguesa e áreas afins. A reflexão que vamos fazer, nesta seção, está fundamentada na obra *Língua e Liberdade: por uma nova concepção da língua materna*. O autor indica, na obra, uma intensa transformação no sistema de ensino no que pertence à prática da língua. Observamos que dois conceitos foram conectados, o de língua e o de liberdade, para aplicá-los ao ensino da língua materna, já que é por meio da língua que refletimos, avaliamos o mundo, associamo-nos e nos relacionamos em comunidade. Podemos relatar que esta obra é a que mais se identifica com os pensamentos de Bakhtin. Assim como Bakhtin (2013), Luft não era contra a gramática tradicional, mas era preocupado com o modo de se ensinar a língua materna, com a fixação gramaticista e com a visão que as pessoas têm de que ensinar uma língua é ensinar a escrever “certo”.

O livro de Luft que escolhemos descrever, não é uma gramática como as duas analisadas anteriormente. A obra é composta por seis capítulos de artigos de jornal, escritos em diferentes épocas, que tratam da importância da reestruturação do ensino de língua materna. Já na apresentação, Luft declara que poderia parecer inusitado que um professor de Português, escritor de gramáticas, e estudioso de problemas de Língua, escrevesse “contra” a Gramática na sala de aula. O autor nos faz refletir sobre as aulas de português, o desânimo dos professores de gramática, o insucesso do ensino e a má orientação do ensino de língua materna.

Penso ser urgentíssimo promover uma mudança radical em nossas “aulas de Português”, ou como quer que as chamem: passando de uma postura normativa, purista e alienada, à visão do aluno como alguém que já sabe a sua língua, pois a maneja com naturalidade muito antes de ir à escola, mas precisa apenas liberar mais suas capacidades nesse campo, aprender a ler e escrever, ser exposto a excelentes modelos de língua escrita e oral, e fazer tudo isso com prazer e segurança, sem medo (LUFT, 1995, p. 12).

De acordo com Luft, é necessário incentivar uma prática de ensino de língua materna sem que os alunos e os professores se sintam apreensivos, com medo. Propõe que o ensino seja uma troca entre docentes e discentes, sem ser um ensino repressor. Que seja desenvolvido, nos alunos, o espírito crítico, deixando os estudantes se apaixonarem pela disciplina, não mais temendo não saber português. O autor espera que o livro “promova debates, estudos e pesquisas em busca de reformulações, por um ensino que faça o aluno desenvolver-se, não encolher convencido de que nada sabe” (LUFT, 1995, p. 12).

Luft faz uma crítica à escola tradicional e relata que o estudo da língua como meio de comunicação, atual, vivo e competente é raro. O linguista defende que devemos respeitar apenas as regras básicas da Gramática, pois existem regras completamente dispensáveis que não colaboram para eficiência comunicativa da língua. Luft (1995) explica que se a

nossa fala ou nossa escrita tiver como objetivo comunicarmos algo, devemos fazê-lo de maneira clara. Para o autor, o essencial é falar claro, escrever claro, de maneira eficiente a língua, e não ficar focado só em aprender as regras gramaticais. O bem falar e o bem escrever estão diretamente relacionados ao bom uso da gramática, entretanto, com a gramática natural, ou seja, a gramática que os falantes internalizam ouvindo e falando. A gramática interiorizada é “aprendida pela experiência, pela exposição a atos de fala e escrita modelares, convivência constante com boa linguagem” (LUFT, 1995, p. 20). Nas escolas, observamos uma gramática aprendida através de teorias e regras. Um ensino normativo impede os talentos naturais, provoca insegurança na linguagem, gera aborrecimento ao estudo do idioma, medo à expressão livre, os alunos perdem o gosto pela disciplina de Português. O ensino da língua materna deveria ser encantador, atraente, prático para ser usado em nossa vida diária.

O autor demonstra que temos um sistema de regras intuitivamente internalizado desde a infância, e o vamos aprimorando à medida que nos desenvolvemos intelectualmente e partilhando, intuitivamente, entre membros da sociedade, mesmo aqueles que não vão ao colégio e nunca aprenderam a ler. Conforme Luft, é preciso aperfeiçoar primeiramente a expressão oral dos alunos. Em seguida, praticar e aprimorar a expressão escrita. O estudioso ressalta que as escolas permanecem rotineiras e conservadoras nos acúmulos de significados, regras e exceções, classificação de palavras, conjunções inusitadas, e muita análise sintática. Luft diz ser compreensível que os livros didáticos e a disciplina de Português se limitem às regras da língua culta, por terem finalidade didática. Mas o autor ressalta que é fundamental dar atenção à plenitude ou totalidade da língua, que inclui variedades de tempo, região, classe social, sexo e estilo. Em sua concepção, para estudar uma língua, basta o dom linguístico natural, inato, de qualquer ser humano.

Para o autor, a criança e o falante que não frequentou a escola conhecem tudo aquilo que devem para falar em seu nível de comunicação. Somente não têm o conhecimento de termos técnicos. Ele reforça que a gramática natural, um saber imediato, sem nomenclatura, é um saber intuitivo. Luft (1995) relata ainda que nunca é demais repetir que a gramática natural da língua é a fala: um sistema de regras para a comunicação oral; a verdadeira linguagem é a fala. Para o autor, a escrita é sinalização secundária, posterior, e que pode nem ocorrer. Luft indica que em um ensino atualizado, a gramática natural da fala precisa sempre preceder, fundamentar, controlar a gramática artificial da escrita. Em suma, a gramática natural é flexível e variável.

Luft (1995) afirma que existem educadores, atualmente, que com empenho lutam para reformular o ensino da língua materna, trazendo para a escola a gramática como instrumento de comunicação, sendo importante desde a infância. Com os professores, desde cedo, aplicando uma orientação linguística correta, as aulas de Português modificam-se num trabalho objetivo, livre e produtivo. Luft reforça que os professores precisam ter em mente que os alunos já trazem uma análise intuitiva. Dessa forma, é muito importante,

para o autor, que o aluno se desenvolva ao longo do ensino. Para isso, o aluno não precisa aprender a língua de uma forma repreensiva e, sim, reforçar sua gramática implícita, internalizada. Os alunos necessitam da chance de ler textos apropriados e desvendar com os docentes e todos os colegas, as riquezas de sua língua. Assim, teremos um ensino libertador, que é o grande objetivo de Luft nas aulas de Língua Portuguesa. Seu desejo é conscientizar os alunos de seus poderes de linguagem; deste modo, os estudantes irão crescer, ampliar o espírito crítico e expressar toda a sua capacidade criadora. Constatamos que a gramática de Perini (2016) esclarece muitas dúvidas deixadas pela gramática normativa. É uma obra importante que necessita ser explorada pelos professores de português, de uma forma questionadora, para que possa, assim, haver uma modificação no ensino de língua portuguesa nas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foram analisadas obras que abordam sobre os tipos de gramática, a normativa, a descritiva e a internalizada, levando-se em conta a relevância de apresentar algumas gramáticas que servem como instrumento de apoio em sala de aula. Dessa forma, refletimos que os docentes devem integrar no ensino de língua materna, tanto a gramática normativa, quanto a descritiva e a internalizada, para promover uma aprendizagem mais produtiva. Realizamos essa descrição para refletirmos sobre a contribuição que cada uma apresenta para o ensino de língua materna, pois a maioria das pessoas só conhece a gramática normativa, que é a mais estudada pelos alunos nas escolas, através daquela forma tradicional de estudar o conteúdo. Esperamos, assim, que nosso estudo possa motivar outras pesquisas no ensino de gramática. Pensa-se que seria pertinente, por exemplo, realizar um trabalho em sala de aula com outros tipos de gramática, fazer um estudo de caso com propostas que facilitem o trabalho com outras gramáticas, na aula de Língua Portuguesa. É nesse sentido, pois, que esperamos ter contribuído com o presente trabalho.

REFERÊNCIAS

CINTRA, L. **Domínio atual da língua portuguesa**. In: Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Lexikon, 7. ed. 2016, p.23-35.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova Gramatica do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 7. ed. 2017.

CUNHA, C. **Conceitos gerais**. In: Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Lexikon, 7. ed. 2016, p.1-8.

_____. **Do latim ao português atual**. In: Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Lexikon, 7. ed. 2016, p.9-22.

LEITE, Marli Quadros. **A Nova Gramática do Português Contemporâneo**: tradição e modernidade. Revista USP São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59744> Acesso em: 22 jul.2019

LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade**. São Paulo: Ática, 1995.

PERINI, M.A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 9, 11, 65, 73, 80, 81, 82, 84

Análise musical 9, 11, 45, 46, 51, 58

Arte 9, 11, 1, 2, 3, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 100, 104, 105, 125

Arte Brasileira 1

Arte Contemporânea 44, 65

B

Brasilianas IV e V 9, 11, 45, 46, 58

C

Conceito de arte 10, 11

Conto de mistério 156, 157, 159, 160, 166, 167

D

Deslocamento 11, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 43, 61

Dificuldades 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 160, 198, 202

Discurso 24, 25, 26, 62, 63, 77, 78, 87, 103, 106, 122, 123, 128, 134, 136, 142, 143, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 181, 182, 183, 206

E

Ensino-aprendizagem 11, 85, 137, 143, 186

Ensino tradicional 184, 185, 190, 196, 197, 208

Estágio Supervisionado 170, 172, 179, 180, 182

Estética da existência 59, 60, 61, 62, 70

F

Formação de leitores 156

Foucault 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 175, 182

Fundadores 63, 107, 119

G

Gramática Descritiva 85, 90, 91, 92, 97

Gramática Internalizada 85, 94

Gramática Normativa 9, 85, 86, 96

Gramaticografia 98, 105

Grécia Antiga 11, 29, 35, 36, 39, 41, 42, 43

H

Historiografia Linguística 11, 98, 105, 106

Humanização 12, 145, 146, 152, 153, 154, 168

I

Identidade 9, 11, 5, 67, 73, 75, 81, 82, 83, 84, 153, 154, 160

Interpretação Musical 45

L

Leitura 10, 12, 35, 38, 43, 53, 80, 91, 108, 109, 122, 125, 127, 128, 129, 131, 137, 144, 145, 146, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 197

Leitura Literária 12, 156, 167

Letramento 12, 99, 132, 133, 135, 144, 169, 175, 176, 184, 185, 186, 187, 189, 195, 197, 199, 202, 204, 205, 206, 208, 209, 210

Letramento Acadêmico 132, 133, 135

Língua Portuguesa 11, 85, 94, 96, 98, 99, 103, 104, 105, 136, 138, 156, 161, 167, 168, 170, 172, 179, 180, 181, 209

Línguas Clássicas 98

Literatura 9, 15, 28, 30, 60, 63, 64, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 83, 93, 107, 124, 125, 139, 145, 146, 152, 153, 154, 155, 156, 168, 169, 170, 179, 180, 209, 210

Literatura feminina 73, 77

Lygia Clark 9, 11, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9

M

Matemática 10, 12, 1, 4, 125, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209

Mobilidade Artística 29, 32

P

Parresía Cínica 9, 11, 59, 60, 61, 66, 69, 70

Pensamento Platônico 10, 11

Possibilidades 4, 5, 61, 63, 66, 87, 132, 133, 139, 157, 158, 159, 168, 171, 174

Prática de ensino 94, 132, 140, 170, 172, 181

Produção textual 9, 12, 127, 128, 132, 133, 134, 135, 138, 140, 141, 143, 144, 156, 160,

161, 166, 167, 180, 181

R

Residência Artística 29, 32, 33, 35, 41, 44

S

Semiótica 9, 78, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 184, 192, 193, 194, 195, 210

Sociossemiótica 12, 84, 184, 186, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 208

T





Teorias 9, 12, 93, 95, 107, 121, 123, 128, 136, 190, 194, 197, 205, 208, 210

V

Violência 12, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Linguística, letras e artes:

Limitações e limites

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Linguística, letras e artes:

Limitações e limites

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br